

Observações sobre estrutura e materialidade na psicologia fenomenológica

Guilherme Peres Messas¹

Resumo

O objetivo deste estudo é a indagação acerca dos melhores conceitos para o estudo das relações entre estrutura e materialidade na psicologia fenomenológica, dos quais depende a boa fundamentação da psicopatologia fenomenológica e a boa prática da clínica psicológica e psiquiátrica. Define-se estrutura como entidade sintética relativamente independente dos componentes que lhe dão sustentação material; materialidade, no sentido essencialista do termo, como solidez, intensidade (do ponto de vista dos seus qualificativos descritivos) e modalidade cíclica e modalidade mecânica (do ponto de vista de suas formas de modificação). O autor defende a noção de um estruturalismo moderado, para a compreensão do qual se faz necessária a investigação simultânea das lógicas da estrutura e da materialidade. Examinam-se três modalidades de relação típica entre estrutura e materialidade, ilustrando-as com exemplos.

Palavras-chave: Estrutura; Relações entre Estrutura e Materialidade; Epistemologia da Psicopatologia Fenômeno-Estrutural.

Observations on structure and materiality in Phenomenological Psychology

Abstract

¹ Médico psiquiatra, mestre em Medicina e doutor em Psiquiatria pela Universidade de São Paulo. Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural. Professor do Curso de Especialização em Psicopatologia e Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP. Membro da Câmara Técnica do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. Email: messas@fenomenoestrutural.com.br

The aim of this work is the search for the best categories for the study of structure-materiality relationships, on which depends the coherent understanding of phenomenological psychopathology, psychology, and psychiatric practice. Structure is defined as a synthetic entity, relatively independent from its material components; materiality is defined - on an essentialist meaning - as solidity, intensity, and cyclical and mechanical modalities. The author supports the notion of a moderate structuralism. For the comprehension of such a structuralism it is necessary the simultaneous investigation of the logics of structure and materiality. Three modalities of typical relationships are examined and examples of each of them are offered.

Key-words: Structure; Structure-Materiality Relationships; Epistemology of Phenomeno-Structural Psychopathology.

O meu ego, que me está dado apodicticamente a mim mesmo, o único que deve ser posto por mim como existente em absoluta apodicticidade, só pode a priori ser ego que tem experiência do mundo estando em comunidade com outros semelhantes seus, sendo membro de uma comunidade de mônadas que se dá orientada a partir dele.

Edmund Husserl

1

Observação fundamental, da qual derivam todas as outras: a consciência-implantada- no- mundo é uma **mônada de heterogeneidades**. A pretensão destas observações é indagar acerca dos melhores conceitos para o estudo das relações entre estrutura e materialidade na psicologia fenomenológica, dos quais depende a boa fundamentação da psicopatologia e a boa prática da psiquiatria fenomenológica.

2

Por mônada de heterogeneidades entenderei uma estrutura sintética organizadora de todas as experiências e formas de articulação e presença no mundo, cuja característica distintiva é a copresença de sua unidade indivisível com a heterogeneidade dos seus elementos constituintes.

Essa copresença pode parecer, em um primeiro momento, contraditória, já que aponta para uma unidade indivisível, contida na ideia de estrutura, ao mesmo tempo em que sinaliza para uma multiplicidade, contida na noção de heterogeneidade. A questão que se coloca é: como se pode pensar numa estrutura organizadora e agenciadora dos elementos fenomênicos que a compõem e, ao mesmo tempo, pensar-se em heterogeneidades? Não seria uma volta inadvertida a um tão rejeitado dualismo de substâncias à moda cartesiana? Há, portanto, que se esclarecer esse primeiro tópico. A relação entre a estrutura monádica e suas partes constituintes heterogêneas é o ponto a ser estabelecido neste momento.

3

A estrutura deve ser entendida parcialmente no sentido que Aristóteles dá à alma. A alma é a forma do corpo, necessariamente integrada a este e, portanto, não podendo jamais ser entendida como ente metafísico atuante por detrás do corpo. Acresça-se ao entendimento aristotélico o fato de que não há uma substância imutável representada pela estrutura. Antes, ela é uma composição relativamente estável e relativamente duradoura ao longo do tempo, mas com capacidade imanente ou transcendente de transformar suas medidas e sua configuração. Retenha-se como mais relevante para essa definição o fato de que **estrutura e seus componentes não são idênticos entre si**. Há certa independência da estrutura em relação a seus componentes, o que logicamente implica que a estrutura tampouco é o arranjo momentâneo de seus componentes. Ela é menos do que uma essência substancial e mais do que uma composição de partes. Há uma tendência de permanência na estrutura, uma força interna que permite que, dentro de limites, seus componentes se substituam sem que sua composição formal se movimente (exemplo disso clínico: a substituição de um sintoma por outro durante um tratamento. Essa substituição indica inflexibilidade da estrutura predominante). Por outro lado, há certa independência dos componentes, certo poder de sublevação destes diante da força sintética da estrutura, pressionando a estrutura para determinada direção. Desta relativa autonomia dos elementos parciais surge sua potência como heterogeneidade. Mas não adiantemos os temas da reflexão.

4

A estrutura, como entidade sintética relativamente independente dos componentes que lhe dão sustentação material, deve ser estudada pelas particularidades “geométricas” que lhe são atinentes. Para se abordar epistemologicamente um ser que é definido por uma forma, deve-se ter em mente pressupostos formais de apreensão da realidade, resulta óbvio. Para nos limitarmos às fundações da estrutura da consciência-implantada-no-mundo, seus pressupostos temporoespaciais, teremos que:

5

A estrutura deve ser captada, em termos de sua temporalidade, pela relação proporcional entre passado, presente e futuro. Clinicamente, um desarranjo entre essas proporções pode inviabilizar os projetos de vida imaginados pelo indivíduo, traduzindo-se em um transtorno mental; se mais grave, com a ruptura ou desaparecimento de um desses momentos da temporalidade, traduz-se em uma doença mental propriamente dita. Em termos de sua espacialidade, a estrutura deve ser registrada em termos do binômio afastamento-aproximação com a realidade. Esse binômio, por sua vez, descreve melhor as características do implante da consciência no mundo se identificar um movimento no eixo horizontal, no qual a consciência dialoga com o mundo, e outro no eixo vertical, no qual a consciência comercia com suas ambições individuais (remeto a Binswanger (1992) para melhores esclarecimentos sobre essas posições).

6

Como a estrutura não é uma essência fixa, deve ser registrada em termos de sua movimentação. Dado seu caráter de proporcionalidade intrínseca e articulação necessária entre seus membros parciais, a consciência-implantada-no-mundo, ao mover-se, movimenta todas as suas partes simultaneamente, ainda que nem todas as movimentações parciais sejam enfaticamente

demonstráveis em um primeiro momento. Assim, a análise da movimentação da estrutura da consciência-implantada-no-mundo se dá por meio da investigação da **dialética equilíbrio-desequilíbrio das proporções da unidade monádica** (Messas, 2010). São esses movimentos da consciência que ao mesmo tempo permitem seu alargamento na existência assim como suas fraturas de desenvolvimento. O caso típico desse risco máximo é a adolescência, na qual o ser investe o real para constituir-se adulto mas, lado negro dessa investitura, enfrenta os maiores riscos, cujo caso supremo são as esquizofrenias.

7

Como visto acima, a estrutura não pode ser reduzida a uma abstração desencarnada, à moda da forma platônica. Toda estrutura exige uma carnatura tanto para a sustentação de sua permanência quanto para o apoio para suas mudanças. Essa carnatura fundamental da estrutura é múltipla, daí a adjetivação “de heterogeneidades” com a qual foi qualificada. Em um ponto extremo de um espectro, pode-se dizer que a encarnação da estrutura se dê no campo do imaginário, nos valores, ideais de vida ou mesmo aspirações mundanas, campo de liberdade sobre o qual pode o espírito atuar.

No outro ponto desse espectro didático, a espessura da corporeidade fisiológica ou a pura existência como corpo, pontos-limite sobre os quais a consciência livre não tem ascendência.

8

Há uma evidente distinção entre um campo imaterial, como valores éticos ou psicológicos e outro material, como o corpo. Temos, aqui, consequentemente, a principal delimitação do conjunto de fenômenos sobre os quais refletiremos. Das heterogeneidades que compõem a encarnação da estrutura consciente-implantada-no-mundo reteremos apenas àquelas que podem ser subsumidas sob a categoria “**materialidade**”. Porém, essa definição abrangente não serve a nossos propósitos. Há que aprimorá-la. Em primeiro lugar, antes de defini-la descritivamente, a ser feito a partir do item 9, devemos situar o sentido dessa definição. Trataremos da noção de materialidade no sentido essencialista, ou seja, apenas participarão de sua definição os achados

fenomênicos que, ao final da redução fenomenológica, mantiverem as características que serão elencadas. Isto é fundamental, pois, como será ainda mencionado, existem fenômenos da ordem representacional que podem ser entendidos como materialidade. Assim sendo, a distinção que operamos entre materialidade e estrutura levaria a um novo núcleo de preocupações que, embora não venha a ser desenvolvido aqui, merece apontamento para trabalhos posteriores: se a estrutura, como a entendemos, é relativamente estável e, portanto, relativamente móvel, sua composição carnal é feita de essências que, por definição, são completamente estáveis (como a percepção, a sensação ou a materialidade e mesmo a liberdade). Os modos de articulação formal entre o parcialmente estável e hierarquicamente superior com o totalmente estável e hierarquicamente inferior serão objeto de futuro estudo.

9

A definição de **materialidade** com a qual trabalharemos estriba-senos seus **qualificativos descritivos** e nas **formas de modificação** destes.

10

Os **qualificativos descritivos**. Por materialidade (ou hilética, se quisermos reter como homenagem o termo husserliano) entenderemos todo aquele fenômeno parcial que se doe à consciência-implantada-no-mundo sob a forma de **solidez**, ou seja, cuja modalidade de doação tenda a manter-se idêntica a si mesma ao longo do tempo e que essa tendência seja imanente (importante: essa imanência da materialidade é transcendente em relação à estrutura), ou seja, sustente-se por uma lógica inerente à sua própria constituição. A ação direta da consciência-implantada-no-mundo nada pode diretamente em relação a ela. Por exemplo, não podemos diretamente mudar as cores de nossa pele, olhos ou cabelos (dizendo diretamente, queremos indicar a separação entre essa ação voluntária imediata e uma ação voluntária indireta, por meio da qual o indivíduo, conhecedor da lógica imanente da materialidade, age sobre ela. Exemplo: conhecedor das leis que regem a tintura de cabelos, os tingem voluntariamente) ou voarmos apenas por um ato de vontade. Uma objeção primeira a essa noção viria da afirmação de que tampouco conseguimos nos livrar da solidez de determinados fenômenos do mundo espiritual, como os

valores ou mesmo a linguagem que aprendemos desde a infância. Embora isso seja parcialmente verdadeiro, deve-se lembrar da possibilidade de uma tentativa da consciência-implantada-no-mundo de redelinear os componentes desse seu estrato. Dessa fonte profunda emerge a noção de liberdade individual. Por outro lado, de fato algumas vivências de perfil psicológico mantêm uma solidez imutável, como a experiência de delírio. Este tipo de fenômeno não hesitaríamos em qualificar como material. Embora fenomenicamente seja psicológico, essencialmente é material tanto quanto a cor dos cabelos. Esse é o setor das incompreensibilidades, no sentido jasperiano.

O outro qualificativo que queremos registrar é a **intensidade**. A “força de emergência” com a qual uma doação fenomênica irrompe na consciência-implantada-no-mundo pode ser sólida a ponto de ser entendida em termos de materialidade. A irritação pré-menstrual é uma dessas vivências mais típicas. Embora do ponto de vista de conteúdo biográfico tais irritações possam ser justificáveis, a potência de sua aparição não necessariamente o é. Igualmente, exemplo mais corriqueiro, a dor física, localizada em um ponto do corpo, sobre este impinge uma pressão que acaba por tingir toda a consciência-implantada-no-mundo sem que possa ser totalmente por esta controlada.

11

As **formas de modificação** da materialidade pertencem a dois tipos principais: a **modalidade cíclica** e a **modalidade mecânica**. A **modalidade cíclica** registra as alterações rítmicas da materialidade da consciência-implantada-no-mundo em duas claves temporais. Ciclo sono-vigília, fome-saciedade, rendimento-esgotamento deixam-se entender como modificações reversíveis da materialidade. Nascimento-crescimento-senescência e morte, como modificações irreversíveis. Modificações reversíveis e irreversíveis atuam conjuntamente, de modo que haja sempre em toda vivência uma participação dupla de cada temporalidade. No entanto, em cada momento duplo da temporalidade da materialidade, cada setor mantém suas particularidades. A temporalidade reversível oferece a experiência material de flutuação, de oscilação entre fenômenos que tendem a retornar à linha de base. A temporalidade irreversível, por sua vez, fornece ao fenômeno a determinação da amplitude dentro da qual a oscilação cíclica deve operar. Por exemplo, é natural a experiência da oscilação entre cansaço-sonolência-sono-despertar-vitalidade-cansaço-etc... Entretanto, a intensidade e a solidez dessa imposição

material variam de acordo com a idade, sendo mais forte na juventude e mais débil na senescência.

12

A **modalidade mecânica** registra as modificações lineares entre fenômenos materiais, buscando o estabelecimento de relações causais no sentido estrito da física, nas quais um termo é determinado diretamente por um outro. Assim, sabe-se que uma lesão em certo ponto do cérebro determina causalmente um déficit na linguagem ou um tumor cerebral pode produzir mecanicamente uma alucinação. A lógica mecânica não deixa de operar no interior das experiências psicológicas. Por exemplo, o estudo profundamente estrutural de Barthélémy (1987) sobre o alcoolismo constata que as modificações provenientes da desintoxicação assemelham-se entre si, independentemente da diversidade de personalidades nas quais o alcoolismo atuou. Deve-se registrar que as modalidades materiais de modificação estão profundamente imbricadas entre si, de modo que se pode modificar mecanicamente um ciclo (o sono-vigília por meio da cafeína, por exemplo) ou, inversamente, por meio da modelagem da ciclicidade, pode-se produzir um efeito modulador da mecanicidade. Exemplo disso, uma insônia prolongada pode reduzir o efeito mecânico de um psicofármaco tranquilizante. Importante ressaltar aqui que, apesar de termos nos limitado aos exemplos retirados do mundo material, para simplificar a exposição, do ponto de vista lógico, uma atuação psicológica livre sobre a materialidade também pode ser entendida como mecânica, se agir causal e diretamente. Assim, palavras amigas durante uma crise que permitam um sono tranquilo também são uma ação mecânica sobre a materialidade da consciência-implantada-no-mundo.

13

Chegamos finalmente ao problema da mônada de heterogeneidades. A estrutura, fator unificador, rege-se no mundo pelo **princípio das proporções dialéticas**, cognoscíveis pela observação dos seus **equilíbrios e desequilíbrios**.

Seus componentes fenomênicos – e estaremos aqui limitados aos materiais – regem-se por lógicas heterogêneas e mesmo distintas entre si: a lógica da solidez resistente, da intensidade imperiosa e seus movimentos de flutuação e de mecanicidade. Como se entendem participantes tão desaparentados entre si?

14

Uma importante observação antes de adentrarmos nas relações entre esses conceitos. A estrutura é princípio regente e, por esse motivo, é anterior ontologicamente a seus componentes e tem força para agenciá-los, convocá-los e ordená-los sob sua batuta. No entanto, essa força não é total, como dissemos, e há frestas pelas quais cada lógica pode operar autonomamente dentro do balanço imposto pela estrutura, fazendo com que as parcialidades possam oferecer, por si só, novas formações à estrutura. Essa espécie de **estruturalismo moderado** segue a posição aristotélica nas “Partes dos Animais” (Aristóteles, 2006), para quem alguns componentes do corpo nascem por imposição da materialidade e apenas em seguida são ordenados pela estrutura. Seu exemplo mais famoso: os cabelos. Nascem na cabeça pela lógica mecânica do excesso de umidade no polo apical do corpo. Uma vez nascidos, a estrutura tem de lidar com essa heterogeneidade física, não convocada pelas suas necessidades e “decide-se” a aplicá-los na defesa do organismo. Não é, portanto, a necessidade de defesa que cria os cabelos, mas o inverso, são os próprios cabelos que criam a oportunidade de defender a cabeça. A conclusão metodológica é: em primeiro lugar deve-se investigar a estrutura da consciência-implantada-no-mundo para, em seguida, estudar os fenômenos componentes que podem ou estar submetidos integralmente à sua lógica de proporções ou operarem por suas lógicas parciais ligeiramente autônomas. Não é possível o esclarecimento completo de um fenômeno parcial sem o estabelecimento da sua articulação com a estrutura que o possibilita, mas é possível entendê-lo pela sua lógica interna, em determinadas circunstâncias. Por fim, é importante frisar mais uma vez que a força da lógica da estrutura é maior e mais potente do que a das lógicas dos fenômenos materiais, com exceção das situações extremas de lesões e patologias corporais. Consequentemente, na imensa maioria dos casos, a estrutura é o fator fundamental a designar a relevância e o papel da materialidade. E mais, **sem a presença da estrutura fundamental, seja como regente, seja como centro dominante contra o qual entender o fenômeno parcial, este degenera, perdendo suas características lógicas**, como veremos

abaixo. A ilustração mais dramática dessa condição é o câncer, no qual a lógica material da multiplicação celular degenera em desmesura, insolência contra a estrutura, levando à dissolução desta e à morte material.

15

Em termos lógicos temos que são três as relações possíveis que, na mônada de heterogeneidades, articulam-na com a materialidade que a estofa, mas não se subordina a ela completamente. Em primeiro lugar, a situação em que a **estrutura determina todas as aparições da materialidade** e, conseqüentemente, a identificação das relações de implantação da consciência no mundo bastam para a compreensão do papel da materialidade. Numa segunda situação, a **estrutura permite que a lógica da materialidade avance sobre sua composição, sem que a regência da relação passe para as mãos da materialidade** e fazendo com que seja necessária a investigação das características particulares dessa presença heterogênea. Numa terceira posição, a **lógica da materialidade assume completa autonomia em regiões da consciência-implantada-no-mundo**, sem que haja um diálogo possível entre a força sintética da estrutura e a força material. As duas últimas situações originam-se seja pela vulnerabilização da estrutura (examinaremos os motivos disso), seja pela força desmesurada da participação material.

16

Vejamos a **dominação completa da estrutura sobre a materialidade**. Nesta pontifica, do ponto de vista epistemológico, a posição de análise das proporções, ou seja, de entendimento dos trajetos da estrutura sobre o mundo e da materialidade como meio apropriado para a execução do projeto da estrutura individual sobre o mundo. O caso clássico e caro à fenomenologia, paradigmático dessa condição, é a dança. Na dança – assim como no esporte- o corpo não se impõe como uma solidez a obstaculizar as pretensões melódicas

da consciência-implantada-no mundo. Pelo contrário, o corpo é o instrumento pelo qual uma melodia desenvolve-se e encontra seu apogeu e glória. Materialidade e sentido incrustado no mundo necessitam-se com reciprocidade. Igualmente, a materialidade da linguagem, nessa situação, é o mármore por meio do qual o artista da língua coloca em forma consumada seus artifícios de embelezamento e comunicação. A significação impera nessa região e a experiência fundamental que a marca é a de fluidez, de comunhão entre consciência e materialidade para dar vazão temporal a uma figuração que vai se confirmando na medida em que a materialidade aceita plasticamente o cinzel das pretensões da totalidade da existência. Quanto mais dócil a materialidade nessa região, mais preenhe de sentido integral os movimento da consciência-implantada-no-mundo e não parece exagerado afirmar ser essa a ἀκμή da vida individual, sempre resguardadas as cores íntimas de cada indivíduo em particular.

Essa predominância fértil da estrutura sobre a materialidade não implica uma rigidez desta. Contrariamente, toda a lógica de sua operação permanece atuante sob a batuta da estrutura. A docilidade acima mencionada procura descrever em realidade uma elasticidade da lógica da materialidade. Assim, em períodos de fertilidade existencial, o ciclo sono-vigília permanece indene, assim como as causalidades mecânicas da vida atuam em uma tessitura conformada pelo perímetro doado pela estrutura maior.

Importa ressaltar que a noção de dominação completa da estrutura sobre a materialidade não é de modo algum sinonímia de saúde mental. Sua acepção descreve exclusivamente o fato de que a lógica das proporções significativas determina os caminhos da lógica material. Assim, é possível, e mesmo frequente, que uma estrutura da consciência-implantada-no-mundo bastante débil, próxima da ruptura em um estado psicótico, possa utilizar a lógica da causalidade mecânica a seu favor, como último recurso para a sobrevivência existencial. Por exemplo, um paciente de nossa clínica manteve-se por alguns anos resistindo ao colapso psicótico por meio da embriaguez, sobretudo alcoólica. Esta funcionava como uma escora de estímulo exógeno sustentando sua estrutura depauperada. Ora, o efeito propriamente dito do estímulo alcoólico, sem perder em momento algum sua lógica material de causa direta de uma modificação da consciência, não apenas não desarranjou a estrutura da consciência-implantada-no-mundo como foi fator crucial na sua manutenção. Durante todo o período do uso “terapêutico” da embriaguez, a lógica superior da estrutura ordenou a lógica inferior da causalidade mecânica, de modo a que não fossem detectáveis sinais de operação independente das lógicas parciais, como ocorre nas situações seguintes.

Também a estrutura pode permitir que a **lógica da materialidade avance sobre sua composição, sem que a regência da relação passe para as mãos da materialidade**. A origem global dessa situação é dupla: ou a vulnerabilização da estrutura ou uma presença específica original da materialidade. No primeiro caso, por sua vez, são duas as fontes genéricas dessa vulnerabilização. A estrutura pode estar vulnerável por uma debilidade **idiopática**, ou seja, pela própria ausência de força de coesão interna; a estrutura pode vulnerabilizar-se por um **movimento imanente**, ou seja, um desequilíbrio necessário motivado pela busca de uma nova configuração, como no caso da mencionada adolescência. Nas duas condições, as partes que a compõem revelam suas heterogeneidades em relação ao plano global da existência, ainda que no segundo caso as tais heterogeneidades possam fornecer pistas para o desenvolvimento da estrutura. Ilustração disso: um adolescente pode, diante da vulnerabilização de sua posição no mundo, deixar-se orientar temporariamente por uma tendência material inata (gosto por exercícios físicos, p.ex.) que lhe sirva como farol para manter algum “pé no chão” existencial.

Nesta condição, a manifestação clínica frequentemente assume a face da aparição temporária da lógica das heterogeneidades, pressionando os limites fornecidos pela estrutura da consciência-implantada-no-mundo. Por exemplo, no que se refere à solidez da experiência, a vivência de cansaço ou de desânimo transitórios indica uma incapacidade da linha diretriz da existência em continuar seguindo firmemente no rumo preestabelecido, ainda que se possa vislumbrar com evidência a permanência deste rumo habitual. O mesmo vale para certas experiências de irritações ou pavores momentâneos. Pode-se sustentar que com a perda de potência da estrutura global, a sua composição material ressalta traços típicos que não estariam enfatizados em caso da predominância estrutural. Assim como um dançarino que, ao titubear por não saber exatamente os passos a executar, sentisse com mais clareza os pontos mais rígidos ou densos de sua composição corporal.

A intensidade da doação objetal representa um campo de preciosas observações para o fenomenólogo, principalmente pela sua incidência sobre o campo psicológico estrito. Ainda que também sejam válidas as observações da intensidade dos fenômenos para as dimensões vitais e corporais que acabamos de citar, a intensidade das ideias, pensamentos e sentimentos é da maior importância aqui, tanto pelo seu valor de renovação da estrutura quanto pelo

risco patológico que encerram. Nos períodos de vulnerabilização da estrutura, certas ideias, pensamentos ou sentimentos podem assumir força de convicção, embora transitória, arrastando para si largos setores da existência. Como a consciência-implantada-no-mundo é heterogênea à emergência destes pensamentos, ideias e sentimentos e passa por um período vulnerável, pode ser por eles dominada transitoriamente, deflagrando um estado de alternância entre continuidade da linha vital e ruptura momentânea desta. Repita-se que desta alternância pode sair a existência renovada ou destruída. Exemplifiquemos, mais uma vez com a adolescência.

Na adolescência, a consciência-implantada-no-mundo pode viver conteúdos a tal ponto encantadores que a transfiguram, geralmente introduzidos por uma atmosfera psicológica de enlevo ou apaixonamento. A intensidade dessas experiências novas compartilha o espaço vivencial com o perfil anterior infantil da vida, desaguando em um eventual estado de turbulência. Se esse desarranjo ainda for conduzido pela forma habitual, pode-se dizer estarmos diante de uma evolução do desenvolvimento da personalidade. Caso contrário, entramos no território a ser examinado abaixo. A responsabilidade pelos diferentes desfechos, embora indeterminada a princípio, pode residir seja na fragilidade interior da estrutura, seja na espécie de vivência heterogênea que assume intensidade especial. Por exemplo, uma heterogeneidade especialmente intensa da vivência de ódio tem um poder desarranjador mais forte do que a de admiração. A intensidade da vivência funciona como um portal de triagem e encaminhamento do desenvolvimento da personalidade. Se a intensidade permitir ou favorecer sua transição para outras experiências, ou seja, se facultar o avanço da temporalidade da vida, trata-se de uma situação saudável. Caso fixe a experiência ou a atraia para um retorno existencial, trata-se de uma situação patológica, tipicamente a esquizofrenia ou desenvolvimentos patológicos incompreensíveis, no sentido de Jaspers.

Antes de passarmos ao próximo item, porém, vale registrar que as formas de modificação material neste item (ciclicidade e causalidade mecânica) não recebem ainda valor considerável, dado que a titularidade da modificação ainda está em mãos da estrutura predominante e, portanto, orienta-se pelo princípio da dialética das proporções.

O caso da presença específica original da materialidade recupera o acima mencionado exemplo aristotélico para os cabelos. Vejamos, em essência, do que se trata. Um movimento proveniente exclusivamente da esfera da materialidade - e por isso, regido por todas suas características - se manifesta, não podendo ser refreado mesmo se apresentar-se de maneira divergente em relação aos

interesses ou hábitos da estrutura. Um setor da lógica da materialidade acende-se e passa a existir, exigindo da totalidade da estrutura alguma reacomodação a permitir que siga no comando do desenvolvimento vital. Sua origem não pode ser rastreada na movimentação global da estrutura em devir biográfico. Gera-se, por conseguinte, uma atmosfera de tensão dialética entre a materialidade parcial e irreduzível (porém jamais autônoma) e a estrutura sintética. Assim, prosseguindo no exemplo, o encanecimento não pode ser entendido neste caso específico, pois se refere à materialização do amadurecimento da personalidade, com seu regime de perdas e substituições e não a um processo parcial da materialidade.

A evolução desse estado é o que mais nos traz interesse. A estrutura procurará absorver o broto assimétrico da materialidade, pois sempre almeja seu ponto, por assim dizer, de menor dispêndio energético e de menor risco de desintegração. Caso essa incorporação seja rapidamente eficaz, retornaremos ao caso 16. Entretanto, caso a estrutura não seja capaz de anexar o promontório material, teremos duas situações. Na primeira delas, como é o caso das doenças de pequena nocividade (e que tenham tido origem em um processo parcial da materialidade, pois algumas se referem à totalidade da estrutura biológica), mantém-se a simultaneidade desacordante entre estrutura sintética e sintetizante e a lógica da materialidade. Exemplo psicopatológico mais expressivo disto: as psicoses atípicas residuais de certos toxicômanos; nestas, a vida segue seu rumo habitual, porém regiões permanecem em que as remanescências de um processo esquizofrênico tênue continuam ativas. Até aqui, nos circunscrevemos ao terreno do patológico. No entanto, podemos identificar – essa é a segunda situação – condições em que a emergência material, ao não ser acomodada pela estrutura, torna-se foco de crescimento desta, ou seja, o desequilíbrio provocado pela materialidade não age como fonte patológica mas, diversamente, como vetor de crescimento, um crescimento aqui não dado, portanto, pela expansão da totalidade da estrutura em um primeiro momento, mas **pelo contínuo desequilíbrio desta**. A estrutura, ao habituar-se a manter-se pensa para um dos seus lados, reforça-se internamente como compensação para os riscos de estilhaçamento. Este reforço, contudo, não deve ser visto como apenas uma ação conservadora, mas como um acréscimo na capacidade de expandir-se. Portanto, parece legítimo defender a existência de crescimentos da estrutura cujo êmulo esteja fora de sua síntese, embora esta se mantenha titular de si mesma. Talvez este seja o ponto existencial no qual a tradição fenomenológica mais se afaste do solo clássico no qual deita raízes: uma assimetria continuada, de caráter externo à sua imanência, como origem de expansão.

A **lógica da materialidade assume autonomia em regiões da consciência-implantada-no-mundo** em determinadas situações. Todo estado no qual a forma da consciência-implantada-no-mundo perde seu perfil habitual encaixa-se nesse tipo. Da perspectiva da materialidade, a consequência crucial da perda da regência estrutural é deformidade das suas próprias características. Deformidade proveniente da autonomia insubordinada do setor material inferior em relação ao setor estrutural superior. O caso máximo dessa alteração da materialidade diante do colapso da estrutura é a própria morte. Nada mais aristotélico de que essa observação. Perdida a vida, estrutura invisível mas agenciadora de toda a materialidade, a lógica da corporeidade muda de direção e passa a ser ordenada por outros princípios, dos quais a decomposição – meramente material e químico – é o mais expressivo.

Mas, no campo da psicologia e da psicopatologia, a deformidade proveniente da autonomia é sempre parcial, pois, salvo em casos de perda da consciência no sentido neurológico, sempre permanece uma zona de ação estrutural que mantém certa integridade da consciência-implantada-no-mundo.

A primeira deformidade relevante dessa situação está na **perda do caráter de ciclicidade da materialidade**. Por meio da ciclicidade, a materialidade preenchedora da estrutura oscila dentro de uma tessitura responsável pelo fornecimento de flexibilidade suficiente para a manutenção ou desenvolvimento da estrutura. O equivalente corporal disto, retomando a imagem da dança, é o alongamento necessário para a boa execução dos movimentos do bailarino.

A perda da ciclicidade da materialidade encampa múltiplos setores da vida da consciência-implantada-no-mundo. Em todos, contudo, a característica que se perde é a oscilação entre dois polos (afastamento-aproximação; despertar-adormecer; cansaço-leveza), com a consequente dominação unilateral de um dos polos. Vejamos como isso se dá no humor: o excesso de humor pode aproximar a consciência-implantada-no-mundo demasiadamente do espaço social. Com isso, ocorre uma fricção nas relações inter-humanas com a consequente experiência de irritação, típica de alguns hipertímicos. No oposto disso, um afastamento exagerado e tirânico do mundo leva ao esvaziamento das relações sociais e eventual frieza de certos esquizoides.

Especial tonalidade assumem os ciclos de carência-saciedade. Tipicamente, tais ciclos definem-se pela elevação do valor de uma experiência voltada a um objeto (o faminto intencionando seu objeto de saciar a fome), seguida pelo encontro entre sujeito e objeto (alimenta-se o faminto) e o retorno à linha de base, a experiência de saciedade. Essa linha de base é idêntica à anterior e o movimento, dentro de alguma variação tolerável, repete-se continuamente. Vejamos como fica essa dinâmica nos estados de dependência química. O dependente anseia sequiosamente por seu objeto de satisfação. Eleva-se sua necessidade e a procura pelo objeto conduz primariamente a uma saciedade. No entanto, essa saciedade atingida não equivale a um retorno à linha de base. Pelo contrário, gradualmente, a saciedade obtida eleva a linha de base, de modo que ao fim e ao cabo a única experiência fruída pelo dependente é a ausência do desconforto. Nesse estágio, não mais existe uma extensão saudável da plasticidade do campo do ciclo carência-saciedade, mas apenas uma estrita faixa de oscilação indo do mal-estar à supressão do mal-estar. Todo vício é uma deformidade da materialidade da estrutura da consciência-implantada-no-mundo, no sentido do enrijecimento desta.

A segunda deformidade relevante dessa condição é a **dominação integral da causalidade mecânica** sobre a estrutura. Arrastamento da estrutura pela materialidade. Para que isso se dê é necessária uma materialidade especialmente potente. O caso mais expressivo é a epilepsia. Tomemos como exemplo o caso dos comportamentos violentos privados de consciência causados por focos epilépticos específicos. Nestes, toda uma cadeia de comportamentos, que por vezes é complexa e deixa ver traços das conexões compreensíveis da vida de vigília significativa (Binder, 1974), origina-se e mantém-se não pela potência imanente da estrutura, mas pelas forças profundas da materialidade orgânica de que é composta a vida. A característica distintiva dessa deformidade é a otimização extrema da causalidade que termina por aderir fusionalmente ao objeto intencionado e a extinguir-se paradoxalmente. Como um músculo tensionado continuamente entra em estado tetânico, a totalidade da estrutura acaba por perder a disponibilidade dessa causalidade mecânica.

19

A estrutura move-se e, portanto, exige de si mesma relações com a materialidade que lhe fornece ora estofo, ora combustível para sua mudança. O desenvolvimento da consciência-implantada-no-mundo é, portanto, um

contínuo risco de se deixar domar pela solidez da materialidade, pela sua intensidade, pelas deformidades de sua ciclicidade e pela causalidade irrefreável da força material. Entretanto, a estrutura necessita da solidez, da intensidade e suas movimentações típicas para historicizar-se no mundo. Em todo caso clínico individual no qual o psicopatologista, o psicólogo e o psiquiatra fenomenólogo atuam, uma dialética do movimento global da estrutura e das influências e tipicidades da materialidade deve ser observada. As observações acima assinaladas procuram oferecer preliminarmente categorias para acompanhar com maior acurácia esses movimentos da estrutura da consciência-implantada-no-mundo.

Referências Bibliográficas

Aristóteles. (2006). *Parts of animals*. Harvard University Press.

Barthélémy, J-M. (1987). *L'analyse phénoméno-structurale dans l'étude des alcooliques*. Toulouse: Éditions Érès.

Binder, H. (1974). Über alkoholische Rauschzustände. In Bash A. (editor) *Ausgewählte Arbeiten*. Band I: Klinische Psychiatrie. Verlag Hans Huber.

Binswanger, L. (1992). Drei Formen Missglückten Daseins. In *Ausgewählte Werke*, Band 1. Editado por Herzog M. Heidelberg, Alemanha: Roland Asanger.

Messas, G. (2010). *Ensaio sobre a estrutura vivida*. São Paulo: Editora Roca.